
"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"

Uma longa jornada de Fabio Swartele (RELEASE)

Ano: **2025** | Suporte: **série de fotofilmes / longa-metragem experimental** | Duração: **1:23:41**

(RELEASE)

Arquitetura Musical, Memória Política e Expansão do Gesto Artístico

Se o curta-metragem *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"* (2023, 12min 48s) inaugurava a trilogia pela via da memória íntima e da imagem fixa, e no média-metragem *"Bruttissima"* (2024, 23min 42s) deslocava o olhar ao incorporar a imagem em movimento apropriada, o longa-metragem *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* constitui a síntese expandida desse percurso. Não se trata apenas do terceiro filme, mas da consolidação formal, política e estética de todo o processo criativo. Aqui, o fotofilme deixa de ser unidade isolada e passa a integrar uma **arquitetura serial de longa duração**: 21 filmes ("*tracks*") que, reunidos, configuram um longa-metragem de aproximadamente uma hora e meia.

A escolha do formato inspirado no álbum duplo de vinil não é uma metáfora superficial nem um recurso nostálgico. Ela organiza estruturalmente a obra artística. O "*long-play*" (LP), enquanto objeto técnico grava o tempo em sulcos físicos; sua escuta pressupõe sequência, a espera, virada de lado, continuidade ritualizada. Ao transpor essa lógica para o campo audiovisual, a série *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* assume a música não apenas como trilha, mas como **princípio organizador do pensamento cinematográfico**.

Cada um dos 21 fotofilmes da série correspondem a uma "*faixa*" (*track*); cada introdução narrada (por depoimento, testemunho ou entrevista) funciona como sulco preparatório para cada filme; cada um dos 4 blocos temáticos operam como um "*lado*" do disco. O espectador assim, não consome somente peças isoladas, mas percorre um trajeto que pode se totalmente percorrido. Esse procedimento implica uma **concepção específica de temporalidade**. Tal como no vinil (*long-play*), onde o som emerge da fricção da agulha com a matéria, aqui a imagem emerge da fricção entre música, arquivo e temas sensíveis e atuais. A montagem não parte da imagem em busca de acompanhamento sonoro; ela nasce da música previamente escolhida, cuja cadência determina a respiração dos planos, a duração das fotografias, o ritmo das transições e o grau de intensidade dramática. A música deixa de ser ilustração e passa a ser estrutura.

Essa inversão metodológica radicaliza a experiência já iniciada nos trabalhos anteriores. Se no primeiro filme *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"* a música sustentava a memória íntima, e em *"Bruttissima"* a narração reorganizava a imagem apropriada, em *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* a trilha sonora torna-se o **eixo gerador do próprio dispositivo cinematográfico**. O cinema assim aproxima-se da partitura. Cada *"track"* funciona como micro-composição audiovisual, em que a progressão musical organiza o pensamento visual. Contudo, a dimensão musical não esgota o projeto. A série assume explicitamente um enfrentamento com a memória política brasileira. Escravidão, racismo, migração, imigração, repressão, regime militar, censura, espionagem, tortura, resistência ao Estado, controle institucional, liberdade da mulher, conquistas femininas, religião, futebol — entre outros temas, não são tratados como capítulos historiográficos, mas como **campos de tensão sensível**. A forma fragmentária impede a linearidade explicativa e substitui-a por blocos reflexivos que se acumulam, se completam, e se confrontam.

Nesse sentido, o procedimento aproxima-se da montagem ensaística de Jean-Luc Godard, especialmente em trabalhos como *"Histoire(s) du Cinema"* (1988, 4h26m) onde o pensamento se constrói por fragmentos descontínuos. Em Godard, a história do cinema é reescrita por blocos que se interrompem e se contaminam mutuamente; em *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"*, a história política brasileira é reorganizada por faixas que dialogam, contrastam e se tensionam ao longo da duração total do filme. Mas há uma diferença decisiva: enquanto Godard trabalha seu documentário majoritariamente com imagens de arquivo cinematográfico, a série aqui desenvolvida opera o fotofilme como **dispositivo de condensação**. A fixidez da imagem intensifica o peso histórico do tema abordado em cada um dos 21 *"tracks"*. Cada fotografia, ao permanecer na tela sob o regime rítmico da escolha sonora, torna-se superfície de inscrição política.

A metáfora do álbum duplo que dá nome a série revela-se, então, epistemológica. O conhecimento não se apresenta como argumento contínuo, mas como **sequência de gravações**. Cada faixa de *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"*, prepara a seguinte; cada tema retorna sob nova tonalidade; cada bloco reorganiza o anterior. A experiência prolongada — e não somente a peça isolada — permite perceber recorrências como o racismo estrutural que atravessa da escravidão ao controle contemporâneo do Estado, ou a persistência da repressão que conecta regime militar e formas atuais de vigilância.

A materialidade simbólica do vinil reforça essa dimensão. Como argumenta Walter Benjamin, a reprodutibilidade técnica transforma a experiência da obra, o *LP* conserva paradoxalmente um traço aurático: exige manipulação física, sequência deliberada, atenção contínua. Segundo o autor, a reprodutibilidade técnica (fotografia, cinema) destrói a aura. No entanto, certos "traços" (rastros, memórias, ou a produção artesanal) resistem a essa padronização, mantendo uma conexão autêntica. E ao evocar essa lógica, a série de 21 fotofilmes *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* reivindica uma **fruição que resiste à dispersão digital**. O espectador é convidado a permanecer, a atravessar a duração, e a experimentar o conjunto como percurso.

A política da forma torna-se inseparável da forma política. Ao abordar entre outros temas, escravidão e racismo não como narrativa única, mas como faixas interligadas, o

projeto evidencia a estrutura sistêmica desses fenômenos. Ao tratar futebol ao lado de repressão e religião, evidencia-se a coexistência de celebração e controle, espetáculo e disciplina. A fragmentação revela assim, a **complexidade de um país** cuja história não pode ser contada linearmente.

Formalmente, a série de fotofilmes *"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"* representa a culminação do gesto iniciado no primeiro curta-metragem *"Tempo de Esquecer Formas de Lembrar"*. E a experiência adquirida no média-metragem *"Bruttissima"* com a narração ensaística sobre as imagens reaparece nas introduções que antecedem cada faixa (*"tracks"*), funcionando como **dispositivos de preparação crítica**. A imagem fixa permanece como núcleo, mas agora serializada, multiplicada e organizada musicalmente. A memória íntima expande-se em memória coletiva; o deslocamento do olhar converte-se em sistema formal.

O resultado é uma obra que opera simultaneamente como longa-metragem fragmentado, álbum conceitual e ensaio audiovisual político. Não se trata de ilustrar temas históricos, mas de construir uma arquitetura sensível onde música, imagem e palavra organizam uma experiência de duração compartilhada. Se o primeiro filme investigava o lembrar e o esquecer, e o segundo problematizava o olhar e a apropriação, a série finaliza o percurso ao propor uma forma: pensar o Brasil como álbum duplo, como conjunto de faixas gravadas em sulcos históricos que **continuam a vibrar no presente**.

fabiomahoney.wixsite.com/industrial-design-pt

"Paraíso Tropical – Álbum Duplo Visual"

Uma longa jornada de Fabio Swartele

Ano: **2025** | Suporte: **série de fotofilmes / longa-metragem experimental** | Duração: **1:23:41**
